

SEXUALIDADES

NÃO NASCEM PRONTAS:
DO NASCIMENTO AO
ENVELHECIMENTO

Organizadoras

Mônica Donetto Guedes

Renata Botelho



INM Editora

**SEXUALIDADES NÃO NASCEM PRONTAS:
DO NASCIMENTO AO ENVELHECIMENTO**

Sexualidades *não* nascem prontas:
DO NASCIMENTO AO ENVELHECIMENTO

Organizadoras

MÔNICA DONETTO GUEDES

RENATA BOTELHO

(ORGS.)



INM Editora

Copyright © 2026 Mônica Donetto Guedes e Renata Botelho
Copyright © 2026 INM Editora

Todos os direitos desta edição são reservados à INM Editora. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida, seja por meio impresso ou digital, sem a permissão prévia da INM Editora, de acordo com a Lei N°. 9.610/98. Foi realizado o Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional, de acordo com a Lei N°. 10.994, de 14 de dezembro de 2004 e a Lei N°. 12.192, de 14 de janeiro de 2010.

Editores: Sergio Gomes e Bruno Ricardo Gomes

Diretor Comercial: Bruno Ricardo Gomes

Revisão Ortográfica: Sandra Schamas

Revisão Técnica: Sergio Gomes

Preparação de Texto: Sergio Gomes

Capa e Diagramação: Lorena Araia e Larissa Aiko Tanahara

Marketing: Diogo Robassini

Gerente Administrativo: Camila Cardozo

Gerente Comercial: Anderson Pedrosa

Estagiário: Ryan Aranha

INM Editora

Avenida Paulista, 326 - Sala 103

Bela Vista

São Paulo – SP

CEP: 01307-002

Tel.: (11) 5026-7748

contato@inmeditora.com.br

inmeditora.com.br

Instagram: @inmeditora

Facebook: /inmeditora



Prefácio

A difícil e necessária questão da sexualidade e seus atravessamentos contemporâneos é corajosamente enfrentada pelos autores deste livro que, ao contrário de pretender oferecer um grande manual com respostas prontas para as mais diferentes temáticas que a sexualidade levanta, se abstém de suturar o problema, fazendo antes costuras possíveis em torno do que, por definição é impossível de suturar: o sexual. Abordar as diversas problemáticas em torno da sexualidade e suas consequências clínicas é um desafio que não poderia ser enfrentado na covardia da neutralidade. Aqui, ao contrário, cada autor se situa e se apresenta a partir de seu posicionamento ético-clínico, entregando ao leitor um livro de importante diversidade teórico-conceitual.

Desde o primeiro capítulo, em que Abílio Ribeiro Alves se apresenta como um homem atravessado pela clínica e em trabalho com as questões da masculinidade ante aos avanços do feminismo em *Sexo masculino, o que é isso?* ao último, em que Viviane Moraes coloca-se na trilha de pensar os impasses da parentalidade em *Filho, me localiza? Parentalidade entre ideal, luto e reconhecimento*, temos um grupo robusto de clínicos pensadores que se colocam em cena para debater com o leitor as consequências daquilo em que a clínica psicanalítica fiel à transmissão freudiana sempre esteve ancorada, a saber, a sexualidade.

Desde Freud sabemos que a natureza falha no que concerne ao sexual. Não há saber na natureza quanto ao sexo. Nada na biologia nos garante sobre o que seja ser de macho ou ser de fêmea. As consequências desta negatividade estrutural, deste tropeço, que em psicanálise nomeamos sexual, são incontáveis. Nem o corpo, nem a maternidade, nem o desejo, o casamento, tão pouco o amor, podem, a partir desta chave de entendimento, funcionar orientados por qualquer regra pré-estabelecida. O sujeito do inconsciente, aquele mesmo descoberto por Freud, precisará inventar a si mesmo e as formas possíveis de conduzir-se na vida em todos esses aspectos. Os trabalhos aqui reunidos nos mostram por quais caminhos a clínica pode se embrenhar quando o que está em cena são as invenções humanas para dar conta dos impasses que a vida coloca no campo sexual e seus desdobramentos.

O reconhecimento do sexual enquanto negatividade ontológica foi o que possibilitou a Lacan nos ensinar que uma coisa é a natureza, cuja existência não é possível negar, outra são os discursos sobre a natureza que jamais são capazes de apreender a natureza toda. Todo discurso implica consequências, “...o que ela [a psicanálise] enuncia é que tudo o que vocês são, inclusive o que são quando sentem, e não apenas quando pensam (...), tudo o que vocês são fica no âmbito das consequências do discurso” (Lacan, 1968-1969). Caberá então ao clínico, desde que situado numa posição ético-política de renúncia ao lugar do mestre, apostar nas possibilidades inventivas do sujeito do inconsciente.

Quando Renata Botelho, em *Corpos exaustos, desejos vigiados*, Roberta Saboya, em *Literatura Hot e empoderamento feminino*, e Suzana Schmidt Nolasco em *Sexo e danação* nos situam quanto as tentativas moralistas e violentas de controle dos corpos no nosso tempo, elas também nos dão pistas para os caminhos possíveis de uma clínica comprometida com o desejo. Avisados de que os discursos socais operam numa lógica coercitiva, e que atuam capilarmente, invisivelmente, pretendendo aniquilar qualquer espaço

de produção desejante do inconsciente, os autores investem numa psicanálise subversiva, que resiste a sucumbir nos mandos e desmandos de uma época que quer do sujeito sua submissão.

Estar avisado de que as sexualidades não nascem prontas é, portanto, compreender que o inconsciente não conhece a biologia, de que é impossível, desde a descoberta freudiana, apelar para qualquer espécie de instinto para dar conta das questões do sexual, e disso tirar consequências. A anatomia não é o destino e o destino se produz e se inventa a partir da verdade do sujeito que a ciência, aliada ao capital, quer silenciar, mas que os autores deste livro insistem em fazer falar.

“As sexualidades não nascem prontas” é, portanto, um convite-desafio. Trata-se de levar a sério a descoberta freudiana e apostar no que ela pode produzir de invenção de vida para os sujeitos que com ela se encontram. Boa leitura!

PAULA COUTINHO DE OLIVEIRA

Psicanalista

Apresentação

Sexualidades Não Nascem Prontas parte de uma convicção clínica, cultural e ética que orienta toda a série: nada na experiência humana chega pronto. A sexualidade, lugar privilegiado do gozo e da falta, também não. Ela se constrói e se reconstrói — na pele, na palavra, nos laços e nas instituições — numa trama em que o individual e o social se entrelaçam. Não há uma sexualidade única; há formas múltiplas de ser, sentir e desejar, sempre em movimento.

A psicanálise nos lembra que o desejo tem história: não é dado, mas inscrito em cenas primeiras, recalques e pulsões. A partir daí, a trama clínica se abre para o social: os dispositivos de saber-poder que nomeiam, normalizam e regulam os corpos; e as performances repetidas que constituem identidades e, ao mesmo tempo, possibilitam sua subversão. Tomando esses e outros fios teóricos, este volume reúne vozes de saberes distintos — clínica, medicina, direito, ciências sociais, psicologia, psicanálise, educação, nutrição, artes — para ler como o desejo se inscreve, se desloca e se refaz nos cotidianos.

Cada capítulo é um gesto: recortes de escuta, relatos de consultório, dados, análises históricas e ferramentas práticas. Eles tratam de temas que habitam a vida — masculinidades e feminilidades em transformação; o corpo e suas marcas históricas; dúvidas ginecológicas; depressão, ansiedade e farmacologia na sexualidade; adultização infantil; puerpério; fetiches, fantasias e pulsões; alimentação e

erotismo; comunicação de limites; crimes sexuais; literatura erótica; e a luta por reconhecimento. Não trazemos respostas prontas: oferecemos um campo pensável, comunicável e cuidado.

Convido o leitor a percorrer estas páginas com curiosidade e responsabilidade: que o silêncio seja ouvido, que a vergonha seja nomeada, que o luto seja trabalhado e que o reconhecimento — quando possível — se converta em gesto reparador. Sexualidades não nascem prontas; se fazem, continuamente, no trabalho — clínico, cultural e político — de tornar o desejo vivível e digno.

No capítulo 1, *Sexo masculino, o que é isso?* — Abílio Ribeiro Alves abre interrogando o que hoje constitui ser homem: a partir de quadros clínicos e leitura psicanalítica, mapeia impasses da masculinidade hegemônica e suas manifestações na clínica. Analisa expectativas parentais, fragilidades narcisísticas e a dificuldade de conjugar amor e erotismo. Propõe intervenções práticas — trabalho com vínculos primários, reintrodução da linguagem sobre vulnerabilidade e rituais de cuidado. Mostra como reformular responsabilidades afetivas permite modos de ser sexuado menos defensivos e mais relacionais.

No capítulo 2, *O corpo feminino para além das tintas que o pintaram: Desejo, alteridade e subjetivação* — Adriane Brito Yazeji percorre a história das representações que moldaram o corpo feminino. Descreve como imagens, saberes médicos e normas sociais produziram interdições, violências e modelos de desejo. Oferece leituras clínicas das queixas contemporâneas e pistas de resistência subjetivante. Propõe práticas de reescrita simbólica e intervenções que restituam agência ao corpo e ao desejo.

No capítulo 3, *Tudo o que você sempre quis perguntar à ginecologista, mas nunca teve coragem* — Ana Vitória Pimentel traz o consultório em voz clara e acolhedora. Responde a dúvidas sobre anticoncepção, libido, infecções, interações medicamentosas e sexo na gestação. Fornece orientações práticas de diagnóstico, prevenção e comunicação médico-paciente. Reforça que informação e escuta empática são instrumentos de autonomia corporal.

No capítulo 4, *Escutar o sexual: Entre corpos e laços* — Andrea Luzia Ferreira Junqueira convoca a clínica para uma escuta atenta do não-dito. Mostra, com casos, como traumas precoces e desmentidos familiares se inscrevem no corpo e na linguagem sexual. Descreve técnicas de intervenção que privilegiam contenção, simbolização e narrativa. Defende que a transformação do sofrimento sexual passa pela elaboração simbólica, não apenas pela técnica.

No capítulo 5, *Relações em (des) construção: Além do meu Desejo — sobre prazer do outro, autonomia e afetos* — Ane Marques articula autoconhecimento e ética relacional. Enfatiza preservar singularidade, comunicar limites e negociar fantasias como condições do encontro. Propõe exercícios práticos para diálogos difíceis e acordos de convívio. Sustenta que autonomia bem trabalhada fortalece a conexão e a responsabilidade mútua.

No capítulo 6, *E agora? O desejo acabou, o que faremos? Sexualidade no casamento*: Os misteriosos caminhos da libido, Eduardo Rawicz examina oscilações da libido por meio de caso clínico. Identifica fatores, perda de admiração, ressentimentos, rotina, sobrecarga, que enfraquecem o desejo. Propõe reparação, reorganização de tarefas e reintrodução de novidade afetiva. Oferece um roteiro terapêutico que combina escuta, reescritura de significados e medidas práticas para restaurar intimidade.

No capítulo 7, *Criança e des-caminhos: Os impactos da adultização* — Elizabeth Regina Werdt Wakim denuncia a pressa cultural sobre a infância. Analisa hipersexualização midiática, responsabilidades precoces e perda do brincar como fatores de risco. Apresenta dados e referências teóricas e defende políticas e práticas protetivas. Propõe monitoramento de telas, estímulo ao brincar e acesso às artes como prevenção de danos ao desenvolvimento.

No capítulo 8, *Entre o cérebro e a cama: Como a depressão, a ansiedade e os remédios alteram a nossa vida sexual* — Fabricia Kelly Meneghini integra neurociência e clínica para explicar redução do desejo em transtornos afetivos. Detalha efeitos sexuais de

psicofármacos e apresenta estratégias de manejo integradas: ajuste medicamentoso, psicoterapia e mudanças de estilo de vida. Fornece protocolos práticos e ressalta a necessidade de abordagem multidisciplinar para recuperação da função sexual.

No capítulo 9, *A sexualidade não nasce pronta: É uma construção em movimento* — Glória Carvalho de Barros e Luísa de Barros Colin costuram clínica e teoria: apresentam a sexualidade como trabalho simbólico atravessado por memória, linguagem e laços. Mostram como desejos se reescrevem com o tempo e com os encontros terapêuticos. Defendem prática que combine contenção, interpretação e criação simbólica. Oferecem casos que exemplificam processos de reinvenção do prazer.

No capítulo 10, *E o fetiche?* — Henriete Schteinberg propõe deslocar o olhar moralizante sobre o fetiche. Analisa rituais, objetos e substituições como modalidades de elaboração pulsional. Defende escuta clínica não-sensorial, buscando compreender função e história do comportamento. Indica caminhos terapêuticos que trabalhem ansiedade, vergonha e simbolização sem patologizar.

No capítulo 11, *O corpo fala: Escutas da sexualidade feminina da infância à menopausa* — Kátia Assêncio percorre menarca, maternidade e menopausa, mostrando como o corpo “fala” quando a palavra falta. Examina sofrimentos gerados pela expectativa de retorno ao passado e propõe práticas de escuta que acolham transformações. Indica intervenções clínicas que favoreçam reapropriação do gozo e novas formas de prazer adulto.

No capítulo 12, *Entre amor e migalhas* — Laila Noletto analisa vínculos sustentados por fragmentos afetivos e a compulsão de repetição que os mantém. Descreve o empobrecimento narcísico e a resistência à exigência do desejo pleno. Propõe estratégias terapêuticas para simbolizar perdas, reabilitar desejo e reconstruir padrões relacionais mais sustentadores. Oferece exercícios clínicos para ampliar a exigência afetiva.

No capítulo 13, *Para além da intimidade, alteridade e empatia* — Márcia Merquior retoma noções do desenvolvimento emocional para afirmar que intimidade genuína exige solidão-conquista e tolerância à alteridade. Expõe processos de separação gradativa e frustrações reparadas como condições da autonomia relacional. Sugere práticas terapêuticas que fortalecem empatia sem anulação do sujeito. Apresenta exemplos de intervenções que favorecem relações autênticas.

No capítulo 14, *Corpo estranho* — Márcia Pires Ribeiro Dias problematiza a cultura das redes e o corpo-ideal, mostrando como exposição e comparação corroem a vida relacional. Propõe limites digitais, exercícios de presença e protocolos de encontro que priorizem escuta e fricção criativa. Indica práticas clínicas e educativas para restaurar criatividade relacional e reduzir isolamento afetivo.

No capítulo 15, *Pulsões e sexualidade: Do corpo à linguagem* — Márcio Eduardo Fontes Baptista reconstrói a função das pulsões desde a infância e sublinha o papel da linguagem na simbolização do desejo. Explica como a palavra organiza e transforma o impulso em narrativa desejante. Oferece fundamentos teóricos aplicáveis à clínica e técnicas para restaurar simbolização em casos somáticos.

No capítulo 16, *Entre a fome e o desejo: Interfaces entre sexualidade, nutrição e psicanálise* — Maria Angélica Fiut aproxima comer e desejar: distingue fome, apetite e desejo, e mostra como práticas alimentares incorporam fantasias de cuidado, punição e posse. Analisa como o alimento pode tornar-se objeto pulsional e dá pistas de intervenção sensorial que conectem prazer alimentar e erotismo. Propõe abordagens clínicas integradas atendendo corpo e simbolização.

No capítulo 17, *Comunicar para conectar: Sexualidade e relações saudáveis* — Milene Estevam oferece ferramentas práticas (Comunicação Não-Violenta, mediação, exercícios de escuta ativa) para traduzir limites e fantasias em diálogo possível. Descreve protocolos aplicáveis ao casal, à família e à clínica, com exercícios práticos e oficinas que reparam rupturas e fortalecem intimidade.

No capítulo 18, *O Silêncio dos corpos no puerpério*: Sexualidade, amor e cansaço nos primeiros meses do bebê — Mônica Donetto Guedes descreve o puerpério como reorganização psíquica, biológica e social que impacta intimidade: estrutura psicológica, pré-história familiar, sono interrompido, alterações hormonais e redefinição de papéis. Propõe redes de apoio, divisão de tarefas e práticas clínicas que legitimem a pausa e facilitem a retomada gradual do desejo, preservando saúde mental parental.

No capítulo 19, *Poderosas Feridas: A substituição do amor romântico pela realização profissional* — Nara Mattos apresenta recortes de prática em contextos de sofrimento sexual: protocolos de acolhimento, trabalho em rede e estratégias para lidar com vergonha e vulnerabilidade. Enfatiza ética, criatividade clínica e ações interdisciplinares para proteger sujeitos em risco e promover continuidade do cuidado.

No capítulo 20, *O devir do desejo feminino* — Patrícia Marx aprofunda a leitura lacaniana da não-fixidez da sexualidade feminina: distingue instinto e pulsão, apresenta fórmulas de sexuação e discute o “não-todo” como abertura ao devir. Explora reconfigurações na meia-idade e propõe práticas terapêuticas e culturais que autorizem transformações do gozo.

No capítulo 21, *Sexualidade e crimes sexuais*: O que você precisa saber — Patrícia Pimentel de Oliveira traduz o ordenamento jurídico para a prática: tipificações, conceito de vulnerabilidade, medidas de acolhimento e caminhos de denúncia. Mostra como combinar proteção legal e cuidado clínico para garantir reparação e segurança às vítimas.

No capítulo 22, *Corpos exaustos, desejos vigiados* — Renata Botelho critica a lógica da otimização que transforma a vida íntima em projeto; analisa a exaustão libidinal produzida pela cultura do desempenho e propõe políticas educativas e práticas cotidianas que restituam espaço para ócio, falta e fantasia — condições essenciais ao desejo.

No capítulo 23, *Quando o prazer se cala: A linguagem silenciosa da disfunção sexual por procuração* — Ricardo Rizzo descreve a

disfunção sexual por procuração como fenômeno diádico: o sintoma de um atravessa o outro, gerando sofrimento compartilhado e erosão de identidade. Analisa mecanismos (esquiva cognitiva, espectadorismo, discrepância de desejo), exemplifica por casos e propõe intervenções multidisciplinares — renegociação relacional, restauração da comunicação — para ressignificar o sintoma e reconstruir a intimidade.

No capítulo 24, *Literatura hot e empoderamento feminino* — Roberta S. Saboya apresenta um conto-ensaio que ilustra como a literatura erótica pode funcionar como espaço simbólico de experimentação e autorreconhecimento. Analisa efeitos culturais desses textos sobre tabus e agência feminina e sugere que a leitura erótica pode ser recurso cultural para explorar prazer e autonomia.

No capítulo 25, *A homossexualidade nasce pronta?* — Sergio Gomes realiza genealogia crítica das categorias sexuais: traça práticas históricas, mostra a invenção de categorias médicas e jurídicas e desconstrói patologizações. Propõe historicização como instrumento clínico e político para sustentar reconhecimento, direitos e políticas públicas inclusivas.

No capítulo 26, *Sexo e danação* — Suzana Schmidt Nolasco articula ensaio literário e reflexão clínica para mostrar como pulsões individuais se entrelaçam com regimes sociais que estigmatizam sofrimento. Examina narrativas de exclusão (epidemias, suicídio, negação familiar) e demonstra como o estigma institucional aprofunda feridas que a clínica isolada não sutura. Propõe ética do cuidado ampliada — políticas públicas sensíveis, redes comunitárias e práticas clínicas que integrem ação e narrativa — para restaurar dignidade e enfrentar dor coletiva.

No capítulo 27, *Filho, me localiza? Parentalidade entre ideal, luto e reconhecimento* — Viviane Moraes expõe que parentalidade exige desidealizar o filho imaginado para reconhecer o filho real. Analisa como imposições de ideal geram vergonha, controle e prejuízos ao desenvolvimento; propõe práticas concretas — escuta

legitimadora, rituais de passagem, educação sobre diversidade e redes de apoio — e defende o reconhecimento como gesto ético que sustenta autenticidade e vínculos.

Como psicanalista e organizadora desta coletânea, desejo que este livro suscite mais do que reflexão: que motive gestos concretos — uma escuta mais atenta, o início de uma conversa difícil, a revisão de uma prática institucional — e que essas pequenas mudanças sejam levadas ao consultório, à escola, à família e às políticas públicas. Que aprendamos a escutar o silêncio, nomear a vergonha, sustentar o luto e favorecer o reconhecimento; não para enquadrar ou corrigir sujeitos, mas para acompanhar e sustentar processos de subjetivação em que o desejo possa habitar com dignidade, singularidade e responsabilidade.

MÔNICA DONETTO GUEDES

Psicanalista e Psicopedagoga

Sumário

Prefácio	5
Apresentação	9
1. Sexo masculino, o que é isso? Abílio Ribeiro Alvez	21
2. O corpo feminino para além das tintas que o pintaram: Desejo, alteridade e subjetivação Adriane Brito Yazeji	31
3. Tudo o que você sempre quis perguntar à ginecologista, mas nunca teve coragem. Ana Vitória Pimentel	45
4. Escutar o sexual: Entre corpos e laços Andrea Luzia Ferreira Junqueira	61
5. Relações em (des) construção: Além do meu desejo - sobre prazer do outro, autonomia e afetos. Ane Marques	71
6. E agora? O desejo acabou, o que faremos? Sexualidade no casamento: Os misteriosos caminhos da libido Eduardo Rawicz	81

7. Criança e des-caminhos: Os impactos da
adultização 93
Elisabeth Regina Werdt Wakim
8. Entre o cérebro e a cama: Como a depressão, a ansiedade e
os remédios alteram a nossa vida sexual. 107
Fabricia Kelly Meneghini
9. A sexualidade não nasce pronta: É uma construção em
movimento 117
Glória Carvalho de Barros e Luísa de Barros Colin
10. E o Fetiche? 131
Henriete Schteinberg
11. O corpo fala: Escutas da sexualidade feminina da infância
à menopausa. 141
Kátia Assêncio
12. Entre amor e migalhas 153
Laila Noletto
13. Para além da intimidade, alteridade e empatia 167
Márcia Merquior
14. Corpo estranho. 177
Marcia Pires Ribeiro Dias
15. Pulsões e sexualidade: Do corpo à linguagem 187
Márcio Eduardo Fontes Baptista
16. Entre a fome e o desejo: Interfaces entre sexualidade,
nutrição e Psicanálise. 199
Maria Angélica Fiut

17. Comunicar para conectar: Sexualidade e relações saudáveis 211
Milene Estevam
18. O Silêncio dos corpos no puerpério: Sexualidade, amor e cansaço nos primeiros meses do bebê 227
Mônica Doneto Guedes
19. Poderosas feridas: A substituição do amor romântico pela realização profissional. 241
Nara Matos
20. O devir do desejo feminino 255
Patrícia Marx
21. Sexualidade e crimes sexuais: O que você precisa saber 265
Patrícia Pimentel
22. Corpos exaustos e desejos vigiados. 277
Renata Botelho
23. Quando o prazer se cala: A linguagem silenciosa da disfunção sexual por procuração 291
Ricardo Rizzo
24. Literatura *hot* e empoderamento feminino 305
Roberta Saboya
25. A homossexualidade nasce pronta?. 315
Sergio Gomes
26. Sexo e danação. 337
Suzana Schmidt Nolasco

27. Filho, me localiza? Parentalidade entre ideal, luto e reconhecimento	349
Viviane Moraes	

Ninguém nasce sabendo amar. Ninguém nasce sabendo desejar. Ninguém nasce sabendo nada, na verdade. A gente só não fala isso porque fica feio na certidão de nascimento. A sexualidade é assim: vai se fazendo no caminho, nos tropeços, nas conversas que a gente deveria ter tido há anos e não teve porque o assunto mudou de repente para o tempo. Este livro não veio resolver. Veio sentar do seu lado e falar a verdade, um pedaço dela pelo menos. São 27 vozes, psicanalistas, psicólogas, médicas, juristas, escritoras, que toparam encarar o que a gente adia: o desejo que some sem deixar bilhete, o corpo vigiado por todo mundo menos por quem deveria, o amor que chega em migalhas e a gente ainda agradece, a criança que a internet adultiza antes da hora, o luto quieto de quem não reconhece o filho que imaginou. Tem capítulo sobre fetiche, sobre puerpério, sobre crime. Tem capítulo sobre fome, a de comer e a outra. Porque tudo isso é sexualidade, e tudo isso é humano. E humano não nasce pronto, vai sendo feito, refeito, às vezes mal feito, e de vez em quando, com sorte e coragem, bem feito. Porque o que se inventa tem mais de nós do que o que nos foi dada.

Renata Botelho

